

**Vaga de episódios com polémica à volta da celebração do Natal tem motivações diferenciadas.**

**As leituras e explicações de um antropólogo e de um historiador, a partir de vários exemplos de rejeição de símbolos natalícios e religiosos ocorridos recentemente no mundo ocidental**

# **“PATRIMÓNIO COMUM” ENVOLTO EM POLÉMICA**

**ANTÓNIO MARUJO**

Presépios deitados fora, cânticos e festejos natalícios proibidos, filmes que não podem ser exibidos, polémicas várias em torno das celebrações de Natal. De repente, um pouco por todo o mundo ocidental, um zelo que se pretende religiosamente correcto rejeita os símbolos próprios da época invocando a laicidade e a necessidade de não ofender os não-cristãos.

Alfredo Teixeira, professor de Antropologia e Sociologia da Religião na Universidade Católica, identifica diferentes fenómenos a partir dos episódios conhecidos. Re-significação das práticas natalícias, invasão do espaço público pelo Estado, rejeição da narrativa simbólica do Natal enquanto património cultural comum de uma sociedade que “não é pertença de ninguém” – são algumas das ideias avançadas para explicar os episódios que têm surgido a público.

Paulo Mendes Pinto, professor de História das Religiões na Universidade Lusófona, que se assume como ateu – “para se ser ateu, é necessária alguma religiosidade”, diz –, considera que se está perante um “fundamentalismo” que pretende “excluir a religião”.

Autor de *Entre a Exigência e a Ternura* (Paulinas Editora), Alfredo Teixeira identifica o que se passa com algo “mais amplo” que a secularização do Natal.

“As práticas natalícias, como as dádivas, só em certa medida têm uma identificação claramente cristã – e desde há muito que é assim. O próprio cristianismo também se apropriou, reorientando-as, de práticas pré-cristãs. Agora, chegou a vez de elas se emanciparem do cristianismo.”

Num âmbito antropológico, Alfredo Teixeira acrescenta que, ao nível da dimensão familiar, “não há um tempo festivo da nossa cultura” que tenha a mesma importância do Natal. Mas essa é uma “dimensão religiosa, sem ser necessariamente cristã”, diz. Por isso se verifica que muitos rituais ligados ao Natal podem agora sobreviver de maneira autónoma.

Caso diferente é o de pessoas ou grupos com uma “visão estrita da laicidade e uma visão de invasão do espaço público pelo Estado”. Legítima, esta atitude, se assumida até às últimas consequências, deve levar a perguntar “o que fazer com todas as manifestações artísticas e os testemunhos patrimoniais que fazem parte” da herança religiosa. “A memória só pode ser de pedra? Porquê o preconceito contra as práticas? Hoje já não há coragem de investir contra o património físico”, diz.

Em Portugal, a Associação República e Laicidade protestou contra a revista Professores do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico que, no seu número de Dezembro, propunha uma “representação do nascimento de Jesus”. Depois da notícia do PÚBLICO de domingo, contando também este caso, a RL escreveu uma carta ao jornal em que contesta a interpretação feita na notícia e diz que se limitou a criticar “a omissão do Ministério da Educação quanto ao fomento de actividades lectivas”.

Paulo Mendes Pinto identifica ainda uma outra reacção: a das pessoas que consideram estar-se a caminhar “para uma sociedade em que é difícil não se ser religioso”. Ora, no espaço europeu, em que a dimensão religiosa tende a ser vivida cada vez mais interiormente e de formas muito plurais, esta reacção é “estranha, mas existe”.

## **Um “espaço social liso”**

Fenómeno diferente é o que remete para um “espaço social liso” em que a religião é rejeitada, diz Alfredo Teixeira. “Ao mesmo tempo, importam-se experiências exógenas como o Halloween, que nada têm a ver com a nossa cultura.” Mas, se se rejeita a narrativa do Natal, da qual se pode fazer uma “leitura crente,

literária ou outra”, porque não rejeitar outras narrativas, como a das histórias infantis que integram também o imaginário colectivo?, pergunta.

A revalorização da memória cristã não deve perder de vista, no entanto, “a regulação e o compromisso” que o espaço público exige. Mas os movimentos que visam promover o encontro são, em termos de futuro, “mais eficazes”, acredita.



*Muitos rituais ligados ao Natal podem sobreviver de maneira autónoma, numa “dimensão religiosa, sem ser necessariamente cristã”*

Paulo Mendes Pinto vê o argumento de que se pretende não ofender outros credos como um abuso. “As religiões minoritárias estão a ser usadas para fins com que elas não se identificam.” E exemplifica: “Os muçulmanos não gostariam que não se falasse do Natal; prefeririam era que também se falasse do significado do Ramadão e que, nas cantinas escolares, houvesse um prato alternativo quando se serve carne de porco.”

Alfredo Teixeira concorda com a necessidade de falar também das principais festas religiosas de outros grupos. E diz que “a sociedade portuguesa” deve dar “mais atenção a outros grupos religiosos”. Para este professor da Católica, o argumento de que se pretende não ofender outros crentes explica-se pela história europeia: “Há um preconceito que nos vem da experiência das guerras de religião, em que a afirmação de uns é vista como a supressão de outros.” Hoje, ao

PÚBLICO 22-12-2006

contrário, a identidade religiosa pode ser construída a partir de outro ponto de partida “que não o da recusa”.

Levada ao extremo, esta lógica poderia fazer com que se evitasse falar das origens de outras festividades – mesmo de carácter político: a celebração da pátria poderia ofender os mais internacionalistas, a da república poderia ofender os monárquicos. “A laicização é necessária, mas pretender banir a religião é mau”, diz Paulo Mendes Pinto. Esta lógica “tem dificuldade em entender que a sociedade não é laica nem deixa de o ser, é um espaço em que as pessoas coabitam com regras” comuns, acrescenta Alfredo Teixeira.

Este investigador questiona, enfim: “Porquê a agressividade em relação a simbólica religiosa e não a outras? Só se quisermos caminhar para sociedades assépticas e controladas a partir de um big brother, como as descritas em Admirável Mundo Novo e Mil Novecentos e Oitenta e Quatro...” ■

## Elemento do espírito, da cultura e da arte, diz o Papa

As polémicas que, um pouco por todo o mundo ocidental, têm surgido em torno das celebrações de Natal e dos símbolos específicos da época motivaram já reacções no Vaticano e comentários implícitos do próprio Papa.

Quarta-feira, na audiênciageral, Bento XVI afirmou: “Espero que um elemento importante não apenas da nossa espiritualidade, mas também da nossa cultura e da nossa arte, continue a ser um modo eloquente de recordar [o nascimento de Jesus].”

Na Praça de São Pedro, junto ao presépio que ali estava construído, foram quarta-feira acesas pela primeira vez as 20 mil lâmpadas da árvore de Natal lá colocada.

A afirmação do Papa segue-se a episódios em escolas públicas italianas que decidiram não construir o presépio, com o argumento de não ofender crentes de religiões não-cristãs.

Também diversas lojas resolveram não vender as figuras do presépio, alegando que elas não são populares.

A primeira reacção oficiosa tinha aparecido domingo, no *L'Osservatore Romano*, o jornal do Vaticano. A “guerra contra o Natal” tenta apagar “todas as suas tradições”, notava o articulista Mario Gabriele Giordano, comentando os episódios de Inglaterra e Espanha (ver página ao lado). “Quando se rompe o silêncio circunspecto que envolve esta ‘guerra contra o Natal’, afirma-se que tudo é justificado pela necessidade de não ofender a sensibilidade dos não-crentes ou de fiéis de outras religiões.”

Também o ministro italiano Giuseppe Fioroni, diz a AFP, valorizou o presépio como portador de “valores universais de paz” e criticou os professores que decidiram retirar das escolas os símbolos natalícios cristãos: “É profundamente erróneo crer que o melhor modo de construir o diálogo seja o silêncio ensurdecido das proibições.”



PÚBLICO 22-12-2006

No Parlamento, houve deputados indignados por uma educadora de um jardim infantil de Bolzano (norte) ter suprimido cantos de Natal que falam de Jesus, para não ferir a sensibilidade das crianças muçulmanas. Na Câmara dos Deputados, presidida pelo comunista Fausto Bertinotti, a tradição do presépio foi mantida. A.M.



PÚBLICO 22-12-2006



*Filme O Nascimento de Cristo, o Diwali hindu e o Yom Kipur judaico*

## ALGUNS CASOS DA CONTROVÉRSIA

**Domingo passado, o PÚBLICO contou algumas histórias de polémicas envolvendo as celebrações natalícias ligadas ao nascimento de Jesus Cristo. Aqui se contam novos casos e se recordam outros já trazidos a lume**

### **Prémio Herodes para presépio deitado fora**

O Fórum Andaluz da Família concedeu o Prémio Herodes 2006 à directora de uma escola pública em Mijas (Málaga, Espanha), que colocou no lixo um presépio feito por alunos da disciplina de Religião, argumentando que numa escola pública de um país laico “não são permitidos símbolos religiosos”.

De acordo com a agência Ecclesia, anteontem, o fórum justificou o prémio com a identificação “de acções contra a infância” e contra valores como o “respeito mútuo, tolerância, diálogo, avaliação da dignidade da pessoa, o seu trabalho e a sua criatividade”, explicou o presidente da organização, Federico Die.

A decisão surge depois de, no final de Novembro, a directora da escola Las Lagunas, Mercedes García del Álamo, ter deitado fora o presépio construído pelos alunos e de uma denúncia da Associação Profissional de Professores de Religião em Centros Públicos da Andaluzia.

A associação de pais católicos de Málaga expressou o seu protesto por aquilo que considerou uma “atitude desrespeitosa” por parte da directora. Citado pela Zenit, agência oficiosa do Vaticano, Juan Luis Yudego, professor de Religião em Las Lagunas, disse à agência Veritas que o episódio ocorreu depois de uma professora ter decidido montar um presépio com os alunos, actividade programada pelos professores de Religião para que os alunos entendessem os diferentes elementos culturais e religiosos incluídos no Natal contemporâneo.



“A professora, ao entrar na sala no dia seguinte, não encontrou o presépio e, procurando-o, descobriu-o nuns sacos de lixo, onde a directora o havia depositado”, contou Juan Luis Yudego.

Este responsável acrescentou que se tinha reunido depois com a directora da escola, que lhe deu como única resposta tratar-se de um estabelecimento de ensino público de um país laico. Por isso, não eram “permitidos os símbolos religiosos” e este tipo de actividades não podiam ser toleradas numa escola “onde convivem alunos de diferentes religiões que poderão sentir-se ofendidos”.

A agência Veritas, conta a Zenit, tentou ouvir Mercedes García del Álamo, mas esta não quis fazer quaisquer comentários. Vários pais escreveram a protestar ou a apoiar os professores de Religião.

## **Não há espaço para a festa de Natal**

Também em Espanha, na escola Hilarion Gimeno (Saragoça), foi decidido que não haveria festa de Natal, para não correr o risco de ofender crianças não-cristãs – noticiou o PÚBLICO a 30 de Novembro. A decisão foi justificada com o facto de haver alunos de diferentes credos e culturas e de não haver um espaço adequado para a festa. Tal explicação não convenceu alguns pais, que na ocasião tinham recolhido 230 assinaturas contra a decisão. Ana Grande, deputada do Partido Popular, disse que a escola estava a promover o “pensamento único” e a pôr em causa “direitos fundamentais”.

## **O pluralismo religioso como desculpa**

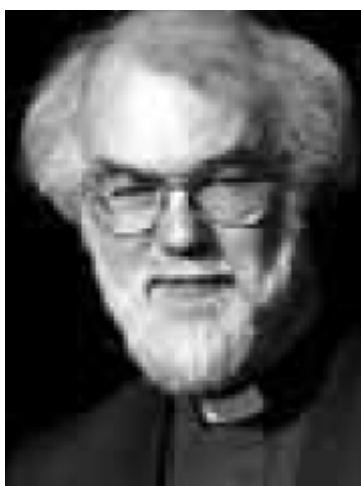
No dia 1 de Dezembro, em Inglaterra, diversos responsáveis muçulmanos e cristãos afirmaram que as empresas que “interditam” o Natal, receando ofender crentes não-cristãos, arriscam-se a provocar reacções antimuçulmanas.

De acordo com a AFP, o Fórum de Cristãos e Muçulmanos dirigiu uma carta a presidentes de câmara apelando a que não sejam abandonados os símbolos cristãos do Natal. Muitas festas podem ceder ao politicamente correcto, inquieta-se o fórum.

A organização foi impulsionada pelo primeiro-ministro, Tony Blair, e por Rowan Williams, primaz da Igreja Anglicana (na foto), depois dos atentados de

PÚBLICO 22-12-2006

Julho de 2005, que provocaram 56 mortos nos transportes de Londres. O objetivo da organização é criar uma maior harmonia entre cristãos e muçulmanos.



“Aqueles que utilizam o pluralismo religioso como desculpa para descristianizar a sociedade britânica provocam, sem querer, o recrutamento de militantes da extrema-direita e fomentam um antagonismo para com os muçulmanos e os outros, impondo-lhes uma agenda anticristã que eles não controlam”, diz a carta do fórum, citada pela mesma agência. “A vontade de laicizar as festas religiosas é, ela mesma, ofensiva para as nossas duas comunidades.”

David Gillett, bispo anglicano de Bolton (noroeste de Inglaterra) e membro do fórum, disse que os seus colegas muçulmanos afirmaram de modo claro que as festas de Natal não os chocam e que as proibições podem ter efeito na comunidade, “se pensarem que os muçulmanos disseram qualquer coisa que na verdade não disseram”.

O bispo citou o caso de uma importante empresa que ordenou aos seus funcionários que não desejassem “feliz Natal” aos seus clientes, mas apenas “boas festas”. Em Novembro, um inquérito feito a empresários britânicos mostrou que três em cada quatro proibiram decorações alusivas ao Natal.

## Intervalo de Inverno, diz a câmara



Os casos já conhecidos de empresas britânicas que querem branquear as celebrações de Natal levaram John Reid, ministro do Interior, a considerar “insensatas” tais iniciativas, noticiou a AFP. Citado pela mesma fonte, Jack Straw (na foto), dos Assuntos Parlamentares, caracterizou estes casos como “parvoíce politicamente correcta”. E acrescentou: “Nunca encontrei um cristão incapaz de reconhecer o Yom Kipur [judaico], o Eid [muçulmano] ou o Diwali [hindu], nem nenhum muçulmano que me recuse o direito de celebrar o Natal.”

O serviço de informação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) noticiou que alguns governos locais ten-

taram retirar referências cristãs ao Natal. Há oito anos, recordou o bispo de York, John Sentamu, a câmara de Birmingham (centro de Inglaterra) decidiu mesmo renomear o tempo natalício como “Winterval” – ou intervalo de Inverno. A mesma designação esteve já em debate há meia dúzia de ano no Canadá, onde o tema chegou a ser abordado no Parlamento. Houve quem defendesse que a designação “Christmas”, por aludir a Cristo, poderia ofender os não-cristãos.

A 10 de Novembro, na Inglaterra, Sentamu, ugandês de nascimento e considerado o nº 2 na Igreja Anglicana, criticara os que, numa atitude “mesquinha, sob a capa do secularismo, insistem em que a religião deve ser um assunto privado”. Na carta do Fórum de Cristãos e Muçulmanos antes citada, escreve-se que os seus membros estão profundamente empenhados em guardar “a especificidade religiosa das festas cristãs”. “O Natal é a celebração do nascimento de Jesus e nós queremos que esta parte significativa da herança do país permaneça uma parte reconhecida da vida nacional.”

Nas escolas públicas de Inglaterra, é normal as principais festas religiosas – o Natal cristão, o Hannukah judaico, o Ramadão muçulmano ou o Diwali – serem pretexto para actividades interculturais e inter-religiosas. Um muçulmano residente em Londres contou ao PÚBLICO que as suas filhas cantam canções de Natal aprendidas na escola e que isso é normal no estabelecimento de ensino que frequentam. Mesmo assim, uma sondagem divulgada pela BBC e citada pela Ecclesia revela que menos de metade das crianças britânicas, entre os 7 e os 11 anos, sabe que o Natal celebra o nascimento de Jesus; na Irlanda do Norte, 71 por cento conhecem a resposta correcta.

O serviço informativo do CMI referiu também que alguns bispos anglicanos criticaram os correios britânicos por emitirem selos de correio sem qualquer referência cristã. Os selos mostram renas árvores de Natal, bonecos de neve e pais natais, mas não há qualquer imagem alusiva ao nascimento de Jesus.

Jeff Randall, jornalista do The Telegraph, “agnóstico com tendência ligeiramente crente”, condenou o “ressentimento absurdo” contra o Natal, bem como o projecto de “converter o cristianismo num crime”. “Muitos não-cristãos estão verdadeiramente perplexos perante este desejo de auto-humilhação. Não são muçulmanos, judeus ou hindus os que estão por detrás do impulso de secularização do Natal.”



## O filme na feira de Natal podia ofender

O Civil Liberties for Urban Believers (Liberdades Cívicas para Crentes Urbanos), organização que congrega várias igrejas cristãs de Chicago, projectou ontem um filme sobre o nascimento de Jesus que foi objecto de polémica numa feira tradicional de Natal. Antes, noticia a AP, as autoridades municipais tinham objectado à exibição de vídeos promocionais do filme recém-estreado O Nascimento de Cristo (The Nativity Story) no Christkindlmarkt alemão, por considerar que o filme poderia ofender os não-cristãos. A New Line Cinema, produtora do filme, concordou em pagar mais de nove mil euros para passar o filme no bazar, mas, depois, aceitou as reservas do município e retirou a projecção. Foi então que o Civil Liberties decidiu projectar o filme no seu próprio stand, depois de obter nova autorização. Esta foi concedida, porque a cidade poderia violar as suas regras de liberdade religiosa, se a projecção não fosse autorizada, afirmou Thomas Ciesielka, porta-voz do grupo. ■ A.M.